


Trânsito e narração: os sentidos da viagem em *Simpatia pelo demônio*, de Bernardo Carvalho

Alex Bruno da Silva* 

Considerações iniciais

Segundo Zilá Bernd (2010), na introdução da obra *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*, falar em mobilidade, na cultura contemporânea, envolve uma gama de reflexões suscitadas pelos movimentos transculturais e transnacionais, que rompem com as tradicionais referências étnicas, linguísticas e nacionais. Por isso, o conceito de “mobilidade”, principalmente sobre as práticas espaciais, está intrinsecamente ligado à “aptidão dos sujeitos de moverem-se entre os domínios culturais distintos, fato que se inscreve em formas literárias da contemporaneidade que conjugam simultaneamente mais de um horizonte cultural” (BERND, 2010, p. 13-14). Assim, intensas deambulações, viagens e travessias aparecem em parte significativa das escrituras literárias contemporâneas, apontando que a mobilidade pode ser compreendida como estratégia discursiva (narrativa) e ideológica na tentativa de atribuir sentido ao presente.

Nesse sentido, quando Regina Dalcastagnè (2012, p. 109) discute a categoria do espaço e suas relações com as personagens, dentro das narrativas atuais, a mobilidade geográfica é apontada como característica relevante para observar as transformações e as identidades desses sujeitos ficcionais, uma vez que “personagens efetivamente fixas na sua comunidade estão quase ausentes da narrativa brasileira contemporânea”. O que quer dizer que o espaço, mais do que nunca, se caracteriza como categoria complexa de grandes mudanças sociais e culturais, atravessadas principalmente pela globalização.

Não por acaso, o espaço para a geógrafa Doreen Massey (2015) diz respeito a uma realidade contínua e aberta de interconexões inacabadas. Assim, ele leva consigo efeitos sociais e políticos. Ao tratar da globalização e suas complexidades, Massey (2015, p. 132) problematiza a mobilidade atual apontando duas vertentes: “uma geografia sem fronteiras e de mobilidade e uma geografia de disciplina de fronteira; duas imaginações geográficas do espaço global completamente antinômicas, que são evocadas sucessivamente”.

Para ela, a mobilidade está relacionada à compreensão do espaço-tempo e à forma social de relacionalidade que a estrutura – “não é apenas uma questão de linhas em um mapa, é uma cartografia do poder” (MASSEY, 2015, p. 131). Enquanto muitos podem se mover facilmente pelo mundo, “como investimento, ou comércio, ou em função de grande demanda de trabalho, ou como turista [...] em qualquer metrópole importante de qualquer lugar” (MASSEY, 2015, p. 133); para outros, “os não-qualificados das chamadas margens deste mundo são instruídos tanto a abrir suas fronteiras [...] quanto a permanecer onde estão” (MASSEY, 2015, p. 133).

* Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil. Pós-doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil. Professor na Secretaria de Estado da Educação de Goiás (Seduc), Goiânia, Goiás, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6130-8592>. E-mail: alexprofessor100@gmail.com

Tendo em mente tal complexidade é que a geógrafa aponta o espaço global como uma poderosa geografia imaginativa (MASSEY, 2015), em que as mobilidades ou as imobilidades são, hoje, carregadas por um sentido político dentro das configurações espaciais. Desnecessário frisar, então, que as intensas mobilidades atuais trazem as marcas das desigualdades, das fronteiras e das exclusões dos diferentes. As ressonâncias dessa ambivalência nos interessam, aqui, como desafios para a análise da relação sujeito-espaço no romance *Simpatia pelo demônio*, de Bernardo Carvalho (2016), quando se observa o trânsito transnacional do protagonista Rato em busca de compreender e intervir em espaços de fronteiras – de conflitos religiosos, culturais e sociais – e, também, como forma de errância pessoal, de uma experiência de fluxo e não pertencimentos.

Todavia, antes de nos atermos à análise do romance, aprofundemos um pouco mais no conceito de mobilidade e suas dimensões como paradigmas dos espaços atuais. Desse modo, é imprescindível trazer para a discussão as proposições do antropólogo Marc Augé (1994) que, na década de 1990, inicia uma análise teórica acerca da relação entre mobilidade e contemporaneidade. Em seu primeiro livro, *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, Augé utiliza o termo supermodernidade (*surmodernité*) para designar e discutir as constelações de espaços produzidas pelo momento atual.

A “supermodernidade” é caracterizada pela superabundância factual para dar conta do excesso em três figuras específicas: o tempo, o espaço e o ego (a individualização). Em outras palavras, vivemos em um período de grande rapidez e multiplicações de acontecimentos, de deslocamentos constantes, de fluxos acelerados de pessoas, bens, serviços, locais de turismo e centros de consumo. Nesse sentido, para o antropólogo francês, a supermodernidade nos revela, portanto,

um mundo onde se nasce numa clínica e se morre num hospital, onde se multiplicam, em modalidades luxuosas e desumanas, os pontos de trânsito e as ocupações provisórias (as cadeias de hotéis e os terrenos invadidos, os clubes de férias, os acampamentos de refugiados, as favelas destinadas aos desempregados ou à perenidade que apodrece), onde se desenvolve uma rede cerrada de meios de transporte que são também espaços habitados, onde o frequentador das grandes superfícies, das máquinas automáticas e dos cartões de crédito renovado com os gestos do comércio ‘em surdina’, um mundo assim prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero [...] (AUGÉ, 1994, p. 73-74).

É a partir desta ideia que o teórico coloca em oposição o conceito de “lugar” e de “não-lugar”, tendo como hipótese que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e, assim, não podem ser definidos como identitários, relacionais e históricos. O lugar antropológico é compreendido como o espaço vivido, pode ser criador de identidades, ser um lugar histórico a partir do momento em que, “conjugando identidade e relação, ele se define por uma estabilidade mínima” (AUGÉ, 1994, p. 53).

Já o “não-lugar” implica uma espécie de não subjetivação do espaço, que justamente não pode se definir nem como identitário, nem como relacional ou histórico. Os não-lugares se caracterizam, segundo Augé, como espaços de trânsito (os aeroportos, os trens, as estações, os hotéis, entre outros) e não de permanência e estabilidade, num período marcado por mobilidades globais e virtuais.

Em tese, o conceito de não-lugar, proposto por Augé (1994, p. 74), configura-se como “domicílios móveis”, espaços experimentados durante passeios, vivências de solidão e de anonimato. Se os lugares antropológicos “criam um social orgânico, os não-lugares criam tensão solitária” (1994, p. 87). Há uma relação contratual entre o usuário e o não-lugar e, com isso, não haveria uma prática subjetiva do espaço, mas sim uma mediação que passa por palavras, imagens ou textos de maneira prescritiva. O espaço do não-lugar, de fato,

não é mais do que aquilo que faz ou vive como passageiro, cliente, chofer [...]. É como uma imagem de si mesmo que ele se acha confrontado em definitivo [...]. O passageiro dos não-lugares só reencontra sua identidade no controle da alfândega, no pedágio ou na caixa registradora. Esperando, obedecer ao mesmo código que os outros, registra as mesmas mensagens, responde às mesmas solicitações (AUGÉ, 1994, p. 94-95).

Contudo, vale salientar que o conceito de não-lugar é ambíguo, para não dizer arriscado, podendo ser problematizado, já que tanto o lugar quanto o não-lugar são, antes, “polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente – palimpsestos em que se reinscreve, sem cessar, o jogo embaralhado da identidade e da relação” (AUGÉ, 1994, p. 74). Sendo assim, espaços que podem ser considerados como não-lugares, como aeroportos, rodoviárias e estações, são, para algumas pessoas, um “lugar” possível de se estabelecer relações identitárias/íntimas, mesmo que provisoriamente. Na supermodernidade, “os lugares e os não-lugares misturam-se, interpenetram-se” (AUGÉ, 1994, p. 98). Portanto, em texto posterior – *Para que vivemos?* –, o autor pondera:

se definirmos o não-lugar não como um espaço empiricamente identificável (um aeroporto, um hipermercado ou um monitor de televisão), mas como o espaço criado pelo olhar que o toma como objeto, podemos admitir que o não-lugar de uns (por exemplo, os passageiros em trânsito num aeroporto) seja o lugar de outros (por exemplo, os que trabalham nesse aeroporto) (AUGÉ, 2006, p. 116).

Nesse caso, as coisas se complicam ou se entrelaçam. Longe de apontar a representação dos espaços em *Simpatia pelo demônio*, como simplesmente exemplos ou tipos de não-lugares, o ponto que nos interessa, aqui, em relação a esse problemático conceito, é verificar/refletir de que maneira o desenvolvimento destes espaços de circulação – de consumo, de fluxo imenso de pessoas em curtos intervalos de tempo, sem pausas –, traço marcante da nossa contemporaneidade, pode ser conciliado aos sucessivos deslocamentos das personagens em contexto globalizado e virtual.

Isso implica que as mobilidades, inclusive as virtuais, se constituem por ultrapassarem os limites da nação, da fixidez, do pertencimento. Para Augé (1994, p. 81), os não-lugares transformam os sujeitos em espectadores de espaços codificados a partir de imagens. São espaços onde estamos de passagem, em viagem, “onde só o movimento das imagens deixa entrever, por instantes, àquele que as olha fugir, a hipótese de um passado e a possibilidade de um futuro”. A condição de viajante constitui a ambiguidade da dicotomia lugar/não-lugar.

Em publicação posterior, o livro *Por uma antropologia da mobilidade*, Augé (2010) reafirma que o momento atual corresponde à mobilidade supermoderna/sobremoderna¹ do sistema da globalização. As noções de migração, fronteira, turismo, mundialização, viagem e utopia são mobilizadas para refletir sobre os paradoxos do mundo contemporâneo “onde podemos teoricamente tudo fazer sem deslocarmos e onde, no entanto, deslocamo-nos” (AUGÉ, 2010, p. 16). Essa constatação evidencia os paradigmas do excesso, imbricados no tempo, no espaço e na individualização. Ao se referir aos deslocamentos, enquanto turismo transnacional, fluxos migratórios, rotas profissionais e circulação das pessoas e dos produtos, Augé (2010, p. 99) enfatiza que pensar a mobilidade atual é “pensá-la em diversas escalas para tentar compreender as contradições que minam nossa história”. A mobilidade supermoderna é, de fato, significativamente caracterizada pela tensão entre a extrema movência e os “abcessos de fixação” (AUGÉ, 2010, p. 16).

Essa tensão também é esboçada pelo geógrafo britânico Tim Cresswell (2006), em seu livro *On the move: mobility in the modern Western World*, ao analisar a noção de mobilidade e sobre como ela é amplificada no mundo moderno. A hipótese sobre a qual Cresswell (2006, p. 26, grifo do autor, tradução nossa)² se inclina é a de que, na cultura moderna das sociedades ocidentais, a mobilidade se articula a partir de duas vertentes: “*uma metafísica sedentarista/fixidez e uma metafísica nômade/fluxo*”. Na metafísica do sedentarismo, o lugar³, as raízes e os laços de pertencimentos são conceitos que estão imbricados aos sentidos de mobilidade, pois o deslocamento, sob essa ótica, é visto como uma ameaça aos laços étnicos e às identidades que caracterizam nações e lugares. Por outro lado, na metafísica do nomadismo, em consonância com a crescente mobilidade no mundo contemporâneo, descarta-se a noção de fixidez e pertencimento ao lugar, priorizando os fluxos e a fluidez das mobilidades humanas. Ou seja, a mobilidade é vista como fenômeno progressista e libertador. Nas palavras do geógrafo:

A primeira [metafísica sedentarista] vê a mobilidade através das lentes do lugar, do enraizamento, da ordem espacial, e do pertencimento. A mobilidade, nesta formulação, é vista como moral e ideologicamente suspeita, um subproduto de um mundo organizado através de lugares e da ordem espacial. A segunda [metafísica nômade] coloca a mobilidade em primeiro lugar, tem pouco tempo para noções de apego ao lugar e deleita-se com noções de fluxo, fluidez e dinamismo. O lugar é retratado como preso ao passado, excessivamente confinante e possivelmente reacionário. Em ambos os casos, as geografias morais de lugar e de mobilidade interagem para informar ontologia, epistemologia e política, bem como prática e cultura material (CRESSWELL, 2006, p. 26, tradução nossa)⁴.

¹ Augé, neste livro, apresenta o termo “sobremodernidade”, em vez de “supermodernidade”, como defendeu em *Não-lugares* na década de 1990. Ambos se referem a uma realidade regida pela instantaneidade na relativização de limites entre o próximo e o distante.

² “a sedentarist metaphysics and a nomadic metaphysics”.

³ O lugar, para Cresswell (2006), é feito e refeito numa base diária. Ele abre possibilidades para as práticas sociais criativas. Dessa forma, esse conceito de lugar aproxima-se, terminologicamente, do conceito de lugar postulado por Marc Augé.

⁴ “The first sees mobility through the lens of place, rootedness, spatial order, and belonging. Mobility, in this formulation, is seen as morally and ideologically suspect, a by-product of a world arranged through place and spatial order. The second puts mobility first, has little time for notions of attachment to place, and revels in notions of flow, flux, and dynamism. Place is

O traço fundamental da tensão entre a fixidez e o fluxo é que essas metafísicas se apresentam entrelaçadas no pensamento político, bem como na cultura do mundo moderno. Mesmo apresentando significados em polos extremos, “elas formam os fins de um *continuum* e raramente existem na forma pura” (CRESSWELL, 2006, p. 26, tradução nossa)⁵. São maneiras diferentes de pensar a mobilidade que exemplificam a complexidade do mundo em que vivemos. Se, por um lado, a metafísica “sedentarista” vê o refugiado, o viajante cigano, entre outros, como figuras moventes que precisam de controle e disciplina, por outro lado, a metafísica “nômade” observa que o mundo está se tornando cada vez mais móvel e, portanto, a mobilidade está ligada ao dinamismo e ao mundo de práticas fluidas que se colocam como formas de resistência às formas estabelecidas de enraizamento e de disciplina.

Segundo Cresswell (2006), essa mobilidade nômade é frequentemente tratada como transgressiva, cujo tema central entrelaça a mobilidade às formas de poder subalterno. O sujeito errante, para a metafísica nômade, é “um ser notavelmente anti-social – não marcado pelos traços de classe, gênero, etnia, sexualidade e geografia” (CRESSWELL, 2006, p. 53, tradução nossa)⁶. Assim, a mobilidade adquire um papel fulcral nas práticas de resistência contra o enquadramento e a disciplina.

Pode-se dizer, portanto, que a experiência da mobilidade, nas diversas culturas humanas, coloca em articulação essas duas vertentes, como uma espécie de negociação possível entre a fixidez e o fluxo. Partindo dessas reflexões e a fim de explorar a experiência de mobilidade, para pensar a relação sujeito-espaço no romance *Simpatia pelo demônio*, observamos que o trânsito transnacional do protagonista Rato inscreve-se, sobretudo, em uma metafísica nômade, pois ele deixa a terra natal por conta própria, motivado pela mudança e pelo sucesso profissional, resultando também em um deslocamento identitário que problematiza discursos essencialistas e rompe com formas estabilizadas de gênero e de sexo, como veremos ao longo deste artigo.

Os espaços e as identidades são configurados, na narrativa, por elementos de instabilidade e estranhamento que fissuram a ordem do pertencimento. Cabe salientar, todavia, que a prevalência de uma metafísica nômade não se apresenta no romance de Carvalho sem pontos de tensão. A ambiguidade entre o fixo e o fluido se revela, principalmente, como veremos adiante, na complexidade de experiências entre o local e o global, determinando formas de ver o mundo e gerando ações terroristas contra o diferente; nas atribuições do retorno ao país de origem, decorrentes do trabalho de Rato e de sua relação amorosa com o *chihuahua* – um neurocientista mexicano; e no fundamentalismo religioso que reivindica territórios.

Dessarte, Carvalho, sem abster da tensão entre as metafísicas do sedentarismo e do nomadismo, confere, por meio da mobilidade transnacional das personagens, uma perspectiva narrativa do devir que abarca a complexidade dessa mobilidade em seus desdobramentos corporais e sociais, permitindo

portrayed as stuck in the past, overly confining, and possibly reactionary. In both cases the moral geographies of place and mobility interact to inform ontology, epistemology, and politics as well as practice and material culture”.

⁵ “they form ends of a *continuum* and rarely exist in pure form”.

⁶ “The postmodern nomad, though, is a remarkably unsocial being – unmarked by the traces of class, gender, ethnicity, sexuality, and geography”.

rasurar imagens fixas de nacionalidade, de identidade, de gênero e de sexo. Tomada, principalmente a partir das considerações de Marc Augé, Tim Cresswell e Doreen Massey, a experiência da mobilidade em *Simpatia pelo demônio*, com suas interposições, articula elementos estruturadores que dão forma à narrativa – viagens, aeroportos, redes virtuais, hotéis, conexões, guerras, insulamento dos personagens – na representação de identidades móveis, em construção.

“Viajou pelos lugares mais improváveis, quase sempre sozinho”

Dividido em cinco partes – “I A agência humanitária, II Perdeu, III O Palhaço, IV O sacrifício perpétuo e V O resgate” –, o romance é aberto com a imagem de uma suposta agência humanitária internacional em um grandioso prédio na cidade de Nova York, no qual Rato recebe do diretor da agência, além de sua demissão, por motivos que saberemos efetivamente ao final da narrativa, a missão de pagar o resgate de alguém desconhecido em um país árabe, dominado por uma facção terrorista semelhante ao Estado Islâmico.

Simpatia pelo demônio é conduzido por um narrador heterodiegético que se reveste de focalização onisciente, que desempenha na concepção de uma imagem carente e vulnerável da personagem Rato, no transcorrer da narrativa, uma dimensão trágica, bem como demonstra a relação com o espaço a partir da experiência do fluxo, da errância, da estadia provisória. Desse modo, sem linearidade, a trama é articulada através de dois fios condutores: um que se inicia na agência quando Rato recebe a missão suicida e, com isso, o leitor passa a conhecer sua vida pública e sua formação acadêmica; e outro, a partir de uma constituição memorialística no instante em que Rato é atacado por um homem-bomba no quarto de um hotel, que conduz o leitor às suas memórias afetivas: o casamento, a crise identitária e, principalmente, seu envolvimento amoroso com o *chihuahua*, envolvendo, também, um terceiro elemento nesse jogo de desejo, o Palhaço – companheiro de *chihuahua*.

Das memórias que surgem na segunda parte do romance resulta a fragmentação em abismo, como se a narrativa ficasse dando voltas em torno de si. Isso porque o narrador, embora assuma a onisciência narrativa, embaralha a ordem temporal naquilo que está posto pelo movimento da memória do Rato, quando este conta seu passado ao homem-bomba no quarto de hotel. É a partir deste labirinto ficcional que Carvalho põe o leitor numa situação de tensão extrema – Rato diante do homem-bomba – e, logo em seguida, leva o leitor para o passado com todas as questões que envolvem o domínio da barbárie social e pessoal. Esse jogo temporal se repete no decorrer da narrativa.

Trata-se, pois, de um romance cuja fragmentação estrutural esvazia a narrativa de totalidade e manifesta um estado de individualização das referências (AUGÉ, 1994). Na primeira parte do romance – “A agência humanitária” –, Rato viaja para um país estranho em uma espécie de aventura suicida. Sem entender direito os motivos que levaram a agência a escolhê-lo e se realmente se tratava de uma missão secreta, o protagonista, no momento que recebe as ordens do diretor da agência, assiste a vídeos das execuções registradas por terroristas e disseminadas pela internet. Observamos que a narrativa explora o horror transformado em espetáculo e denota uma mobilidade espacial em zonas perigosas de territórios em guerra, marcados pela obsessão humana em dividir lugares e nações.

Assim, entre fragmentos inconclusos sobre a vida pública de Rato e a fama até chegar à agência, o narrador vai apresentando-o por meio da experiência-limite do corpo em espaços “que as guerras pontuavam ciclos paradoxais de depuração civilizatória e esgotamento econômico” (CARVALHO, 2016, p. 31). Neste ponto é possível constatar a tensão entre mobilidade e sedentarismo (CRESSWELL, 2006), pois se a mobilidade de Rato implica movimento incessante, a guerra entre o Ocidente e o Oriente, por outro lado, implica apego às raízes, à religião e à cultura; o Outro – o estrangeiro – é visto como ameaça.

Na própria tese defendida pelo protagonista Rato, a barbárie é compreendida como um mal-estar permanente associada sempre à civilização e aos preconceitos. Para ele:

A onda de refugiados do Oriente Médio e da África em direção à Europa, por exemplo, que era em última instância resultado da imposição, por potências europeias no final de um período de guerra, de fronteiras nacionais artificiais, sustentadas em seguida por regimes postíços e sanguinários, servia apenas para reinflamar o sentimento nacionalista mais primitivo na Europa, em vez de pôr em questão o próprio ideal de nação e seus males. Como num círculo vicioso, havia sempre um momento em que o pensamento civilizatório sucumbia a um processo entrópico, bombardeado em seus pontos mais frágeis, em suas dúvidas e contradições, e já não conseguia reagir às crises. Nesse momento, a violência tomava a dianteira como única resposta possível. E, para defender a fragilidade da nação, passavam a recorrer a expedientes típicos de regimes fascistas (CARVALHO, 2016, p. 31-32).

A complexidade da barbárie humana, como observado no excerto transcrito, enuncia a teia de experiências de mobilidade que, conforme Cresswell (2006), é formada pelo jogo entre a metafísica do sedentarismo e a metafísica do nomadismo, sendo, simultaneamente, metáforas do fixo e da fluidez, metáforas de mobilidade. A alteridade, propiciada pela viagem e o cumprimento de uma missão, adensa a reflexão do próprio eu resultante da necessidade de enfrentamento da diferença do Outro. É esse choque que Rato vivencia ao dialogar com uma mulher coberta com um *nicabe*⁷ preto e com uma Kalashnikov⁸ pendurada no ombro, que o recebe na casa indicada para encontrar o porta-voz dos terroristas. Em determinado momento da conversa a mulher diz: “Vocês, ocidentais, ficam dizendo isso e aquilo da nossa vida, que não temos nada pra comer, que comemos areia do deserto. Ficam dizendo isso e aquilo sobre a submissão da mulher. Se fosse verdade, eu não estava aqui” (CARVALHO, 2016, p. 54).

O fragmento transcrito não só reforça as diferenças culturais e as barreiras entre o Ocidente e o Outro, como também expõe a dificuldade ou impossibilidade de acesso à totalidade e subjetividade desse Outro. Observamos aqui como essa tensão corrobora os paradoxos do mundo contemporâneo, conforme aponta Marc Augé (2010). Ao analisar a noção de fronteira nos dias de hoje, o antropólogo argumenta que mesmo vivendo em um mundo globalizado onde se questionam as fronteiras tradicionais, elas se redesenham, são formas do devir. De início, na mobilidade supermoderna/sobremoderna, “vivemos

⁷ Em árabe é um véu que cobre o rosto e só revela os olhos.

⁸ Arma de fogo originária da família de fuzis.

em um mundo no qual a fronteira entre democracia e totalitarismo ainda existe” (AUGÉ, 2010, p. 25). As aparências da mundialização e da globalização recobrem desigualdades e deslocam as fronteiras do desconhecido.

Ainda de acordo com Augé (2010, p. 22), a aceleração das tecnologias e do mercado, bem como a representação de uma imagem de globalização, permitem “às imagens e às mensagens circularem sem limitação, e a realidade de um planeta dividido, fragmentado, no qual as divisões renegadas pela ideologia do sistema encontram-se no próprio coração desse sistema”. No romance isso fica patente nas imagens e vídeos reproduzidos na internet, como forma de mensagem e propagação do terrorismo que, eventualmente, afrontam as diferenças e estimulam a violência: “[...] um homem encapuzado, vestido de preto, segurava o ombro do prisioneiro com uma das mãos e uma faca com a outra. Era o modelo das execuções registradas pelos terroristas e disseminadas pela internet” (CARVALHO, 2016, p. 16).

Nesse entremeio, a percepção de um mundo mais próximo da metafísica nômade, ainda que Carvalho não abra mão do jogo de negociações entre o nomadismo e o sedentarismo, se expande quando o leitor adentra à segunda parte do romance – “Perdeu” –, na qual o protagonista Rato, ao sofrer um bombardeio no hotel ao lado de um homem coberto de explosivos, relata a esse desconhecido suas memórias, principalmente, a história vivida há três anos quando conheceu o *chihuahua* e manteve com ele uma relação confusa e conturbada.

Diante da situação limite e da possível morte, Rato relata suas lembranças falando a língua da sua infância, “como se iniciasse um discurso à nação, uma confissão há muito esperada, embora tudo indique que seu único ouvinte não entende nada do que está dizendo” (CARVALHO, 2016, p. 68). A metáfora da língua materna e a imagem da confissão à nação sugerem, mais uma vez, o entrelaçamento entre a fixidez e o fluxo. Contudo, a transitoriedade espacial e a errância por diferentes cidades e continentes são intensificadas na narrativa, caracterizando uma impossibilidade de estabelecer vínculos de pertencimento associados à nação e às identidades nacionais e de gênero.

Assim sendo, Carvalho revela uma tendência a escapar a estereótipos e a imagens fixas alimentadas por discursos essencialistas. A mobilidade transnacional de Rato, relacionada ao ato de viajar, se inscreve no impulso de deslocar-se, de estar simultaneamente “aqui” e “lá”, da sensação de provisoriade, como revela o narrador:

Logo depois de se formar em direito, o Rato resolveu sair do país. Não sabia o que fazer da vida, precisava de um tempo. Viajou por dois anos, pelos lugares mais improváveis, quase sempre sozinho. Quando encontrava alguém com quem podia passar dias ou mesmo semanas, quase nunca falava do que tinha feito nos meses anteriores: podiam até ser encontros amorosos, mas também eram circunstanciais. E deles não guardou nenhuma lembrança que valesse a pena contar (CARVALHO, 2016, p. 70).

Fugazes e provisórias, essas viagens do Rato se aproximam da experiência do turista contemporâneo que Augé (2010) discute ao tratar da mobilidade atual naquilo que chama de “escândalo do turismo”. Diferentemente do etnólogo tradicional que viaja e exercita uma observação prolongada dos lugares

e das pessoas, o turista gosta de se aventurar, consome o exotismo, tudo é marcado pela “brevidade de sua estadia ou de seu périplo” (AUGÉ, 2010, p. 75). Transitar pelo mundo não representa, na vida de Rato, um gesto redentor. Suas relações com as pessoas, como mostra o excerto acima, são superficiais e epidérmicas, ou seja, a mobilidade também atravessa a dimensão das relações pessoais, condicionando a duração dos encontros na lógica do consumo veloz que “privilegia a ubiquidade e a instantaneidade [...]” (AUGÉ, 2010, p. 69).

Fluxo e fluidez se apresentam como referências da relação sujeito-espaço, possibilitando novas e provisórias experiências nas quais a fixidez e o enraizamento, na errância da personagem, já não aparecem como valores essenciais de formação identitária. Em certa medida, esses pontos também são evocados por Zygmunt Bauman (2004), em *Amor líquido*, ao tratar das fragilidades dos laços humanos no cenário atual.

Diferentemente de Augé, Bauman utiliza o termo “modernidade líquida” à sua reflexão sobre a contemporaneidade, cujo excesso, a rapidez e a individualização nos projetam em espaços onde tudo é ilusório e fluído. Apesar das particularidades e diferenças terminológicas que possuem as provocações de Bauman (2004), importa destacar que as relações interpessoais, numa cultura da ordem do consumo e do imediato, são definidas pelo prazer passageiro e a satisfação instantânea, conforme sugere o narrador ao final da citação transcrita anteriormente.

Ao longo do romance, o personagem Rato, enquanto transita pelos diferentes países, busca uma possibilidade de viver relações circunstanciais entre algumas cidades do mundo. Em tese, a mobilidade geográfica – Rato conhece o *chihuahua* no teatro em Berlim, onde mantém os primeiros encontros amorosos, depois empreende um trânsito entre Nova York, Berlim e Cidade do México para viver essa relação, além de percorrer, durante os encontros com o mexicano, o Brasil e outros países – acompanhada, sempre, pelos esforços da personagem de combater o terrorismo no mundo, possibilita entendermos o espaço a partir das ideias de fragmentação, fluxo e multiplicidade.

Estas ideias estão implicadas na narrativa, já que o Rato se desloca no espaço físico-geográfico tendo que lidar, ao mesmo tempo, com a complexidade do mundo globalizado e com “o desejo [em relação ao *chihuahua*] que o escravizava desde o encontro no teatro em Berlim” (CARVALHO, 2016, p. 73). Após conhecer o *chihuahua* e o Palhaço, na antessala do teatro, ele se deixa enfeitiçar pelo olhar, pela conversa e pelo corpo franzino do mexicano; uma tragédia anunciada desde as primeiras páginas do romance, devido à onisciência assumida pela voz narrativa.

O que se acompanha é uma espécie de aventura erótica entre o Rato e o *chihuahua*, que se intensifica na mesma medida em que há sempre um afastamento por parte do mexicano. As viagens entre as diferentes cidades – já citadas anteriormente – expressam identidades instáveis imersas em um jogo de amor e violência. A mobilidade significava para ambos a possibilidade dos prazeres, mesmo que efêmeros. Isso fica patente no excerto transcrito a seguir:

Logo estavam de novo na cama, durante dois dias seguidos, e logo o Palhaço estava de volta a Berlim, depois de uma semana de workshops pela Alemanha, e Rato, de volta à agência humanitária, em Nova York. A distância entre eles deu à comunicação uma intensidade

frenética, como se na virtualidade a loucura encontrasse o terreno natural. Ainda no aeroporto de Tegel, na sala de embarque, o Rato enviou um SMS ao *chihuahua*, dizendo que já não podia viver sem ele. ‘Também tenho medo de te perder. Fique sabendo que fomos ambos flechados. Você não vai me perder nunca’, o *chihuahua* respondeu, quando já fechavam a porta do avião e a aeromoça pedia ao Rato, pela terceira vez, para desligar o telefone. À distância, os SMS foram substituídos por e-mails e depois por conexões diárias por Skype. Passavam horas se falando diante da tela do computador (CARVALHO, 2016, p. 89).

Os deslocamentos orquestrados por Rato e o *chihuahua*, para os encontros sexuais, se associam à ausência de relações de coexistência e de subjetivação direta com o espaço que caracteriza os não-lugares, pois, diferente da atividade pedestre, como meio de intimidade com o espaço, o que determina a errância dos protagonistas de *Simpatia pelo demônio*, narrada a partir de uma focalização onisciente, é a experiência do anonimato, os espaços de passagens e de grande circulação de pessoas.

Retomando as proposições de Marc Augé (1994), o aeroporto, local de fluxo que aparece no excerto acima, é considerado pelo antropólogo como um não-lugar por excelência por estabelecer uma espécie de contratualidade solitária. E mais, além dos ambientes físicos, “as grandes superfícies da distribuição, a meada complexa, enfim, redes a cabo ou sem fio, que mobilizam o espaço extraterrestre para uma comunicação tão estranha que muitas vezes só põe o indivíduo em contato com uma outra imagem de si mesmo” (AUGÉ, 1994, p. 74), amplificam, ao mesmo tempo em que complexificam, os sentidos dos não-lugares nas trajetórias das personagens em trânsito continuado.

Assim, os ambientes virtuais, que também aparecem na passagem acima e orientam na maior parte do tempo o relacionamento entre o Rato e o *chihuahua*, permitem que as personagens habitem um mesmo espaço, ainda que estejam fisicamente em outro. Nessa perspectiva, a dimensão virtual da mobilidade provoca uma sensação de desenraizamento dos limites territoriais e temporais, pela comunicação instantânea (AUGÉ, 1994, 2010) e pela sensação de fluidez (CRESSWELL, 2006).

Rato e *chihuahua* simbolizam os usuários desses espaços virtuais, às voltas com as relações cada vez mais voláteis da sociedade por aceleração da experiência espaço-tempo. Em cidades diferentes, a relação entre essas personagens se estabelece, como vimos, por troca de SMS, e-mails ou conexões diárias por Skype, uma tentativa frenética de relacionar-se, de suprir uma carência afetiva.

Nesse sentido, a mobilidade virtual, experimentada pelas personagens, se vincula à afirmativa de Massey (2015, p. 142) sobre as novas configurações espaciais investidas de poder: “uma das coisas que o ‘ciberespaço’ mais famosamente permite é o contato instantâneo à distância. [...] As conexões podem ser múltiplas, e você pode escolher com quem estar em contato”. Contudo, a autora pondera que o mundo do espaço físico e o mundo virtual não existem como se fossem duas camadas separadas, pois assim como a fixação ao solo da virtualidade a liga a um local específico, “da mesma forma os espaços e lugares são alterados em sua fisicalidade e em seu significado através de sua inclusão em redes de comunicação” (MASSEY, 2015, p. 146). São os desafios que a espacialidade coloca.

Logo, cabe dizer que, ainda que virtual, o desejo do contato entre as personagens e a impulsividade sexual que os guiava exigiam, de alguma forma, o ímpeto de movimento e alternativas de “estar juntos”

através da negociação de estabilizações temporárias. Instantaneidade e espacialidade material, segundo a geógrafa, podem se reconfigurar.

Nesse movimento, e se deslocando de um lugar a outro, Rato se vê cada vez mais envolvido pelas mensagens e palavras do neurocientista. A transitoriedade espacial endossa a relação entre amor e violência. Os indícios de um relacionamento nocivo e de um mal iminente, apontados pela onisciência narrativa, estão em toda parte no romance, porém Rato, que “havia se preparado profissionalmente para as guerras, [se comportava] como um amador nas questões amorosas” (CARVALHO, 2016, p. 79).

Os rompimentos na relação – uma espécie de jogo de sedução por parte de *chihuahua* – ocorrem, predominantemente, pelas comunicações diárias pela internet. Essa faceta indica, retomando novamente as ideias de Bauman (2004), que entrar e sair dos relacionamentos virtuais é fácil e expõe o uso instantâneo da comunicação, bem como a fragilidade e a transitoriedade em construção das interações humanas. Para ele, a rede virtual “sugere momentos nos quais ‘se está em contato’ intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha” (BAUMAN, 2004, p. 12).

A proximidade virtual, ao estabelecer uma exaustiva conectividade de troca de mensagens e facilitar o ir e vir dos relacionamentos, evidencia os “recifes da solidão e do compromisso [...] e, com isso, a introspecção é substituída por uma interação frenética e frívola [...]” (BAUMAN, 2004, p. 52-53). Notamos, assim, que as idas e vindas na relação entre o Rato e o *chihuahua* – marcadas pela mobilidade física ou virtual – demonstram, sobretudo, a busca por prazeres ilusórios em uma espécie de solidão compartilhada. Por conseguinte, o narrador relata: “Estava nu na cama [no quarto de hotel na África] quando tirou uma foto da janela com o celular e enviou ao *chihuahua*, dizendo que morria de saudade” (CARVALHO, 2016, p. 99).

Os deslocamentos e as viagens das personagens podem ser pensados não apenas como uma condição (mobilidade) geopolítica ou cultural, mas também como um traço constitutivo da transgressão de gênero, da possibilidade da experiência homoerótica. Logo, a mobilidade que é, conforme Cresswell (2006), ubíqua na atualidade, apresenta-se em vários níveis no romance: social, corporal, virtual, cultural e identitária. As viagens para encontrar o Outro reforçam a carência afetiva e o desejo sexual. Há, para Rato, uma urgência em entregar-se por completo e viver intensamente aquela relação, uma vez que sua existência entra em crise com a meia-idade.

O trânsito das personagens vincula-se diretamente aos desenvolvimentos de circulação e de comunicação do mundo globalizado. Portanto, eles utilizam, para se locomoverem de modo mais rápido, o avião – domicílio móvel – marcado pela mínima socialização e pela ambiguidade do não-lugar. Denominados pelas relações de “solidão e similitude” (AUGÉ, 1994, p. 95) os hotéis, o aeroporto e o terminal de embarque são desfrutados por Rato e o *chihuahua*, paradoxalmente, para os encontros íntimos e para a identificação do desejo sexual. O contato entre os dois é viabilizado justamente pelo anonimato e a relação contratual dos não-lugares, isso porque “a possibilidade do não-lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja” (AUGÉ, 1994, p. 98).

De modo geral, a vida amorosa de Rato – desde o casamento heterossexual conservador, até as relações homoeróticas – é perpassada pelo intenso deslocamento por várias partes do mundo. A imagem

de mobilidade no romance engendra uma dimensão existencial, na medida em que o protagonista Rato está sempre na iminência da violência externa e interna e do seu próprio fim, à medida que se lança em viagens contínuas por diferentes culturas. Isso reforça uma representação de mundo mais próxima de uma metafísica nômade (CRESSWELL, 2006).

O trânsito e a errância da personagem ressaltam, frequentemente, o cruzamento entre o nacional e o transnacional, entre o global e o local, rasurando noções fixas de tempo, espaço e de cultura. Isto é, à medida que as viagens aumentam e a mobilidade se intensifica, “não se pode mais dizer que as culturas estão localizadas” (CRESSWELL, 2006, p. 44, tradução nossa)⁹. Seguindo os deslocamentos do Rato entre cidades de diferentes partes do globo, bem como sua urgência em estar com o *chihuahua*, é em Berlim que eles, provisoriamente, se encontram, pois, com o Palhaço ensaiando sua nova peça em Hamburgo, “[eles] teriam sete dias juntos, com o intervalo de um fim de semana bem no meio. Como o *chihuahua* trabalhava durante o dia, os dois só se veriam à noite” (CARVALHO, 2016, p. 104).

Adentrando a terceira parte do romance – “O Palhaço” –, o leitor acompanhará o encontro entre o Rato e o Palhaço durante um “voo de sete horas entre Nova York e Berlim” (CARVALHO, 2016, p. 122). Nesse ponto da narrativa, o narrador explora os temas do amor e da violência a partir das revelações feitas pelo Palhaço – com diálogos, intervenções cínicas e discursos fragmentados – sobre quem é o *chihuahua* e sobre como o Rato se mostrou ingênuo e vulnerável. É quando, também, acrescenta-se outra personagem – a terapeuta de casais, especialista em separações – que amplia com suas falas a dimensão abusiva da relação amorosa entre o Rato e o neurocientista mexicano.

A iminência de revelações e de insinuações sobre a postura do *chihuahua* perpassa toda essa parte do romance. A presença da terapeuta, engendrando elementos que aludem a uma reflexão sobre a identidade, mostra, conforme nos informa Bauman (2004, p. 10), que as terapias e os aconselhamentos estão cada vez mais presentes na atualidade, como uma forma de consumo e de suposto conforto para sabermos que não estamos sozinhos em nossos “solitários esforços para enfrentar a incerteza”.

A relação entre espaço e sujeito nos leva, novamente, a considerar o contexto da globalização e das mobilidades aceleradas sob a perspectiva do fluxo e da viagem. É justamente o espaço do aeroporto, a viagem de avião e a sala de embarque que estão compondo o estado de carência, fragilidade e até de sadismo das personagens. A viagem funciona como elemento estruturante no romance, o que significa dizer que mais de uma viagem aparece porque a experiência da mobilidade circunscreve as personagens em trânsito à representação de uma masculinidade em crise.

A sensação é sempre a da instabilidade espacial, temporal e existencial. Notamos, diante disso, que nesta terceira parte do romance é narrada uma viagem fundamental que coloca o Rato diante do Palhaço e, como num ato reflexo, diante do próprio abismo existencial. Logo de início o narrador descreve:

Uma nevasca tinha fechado os principais aeroportos do Meio-Oeste, desencadeando o caos por toda a malha aérea do país. O voo de Nova York para Berlim tinha um atraso previsto

⁹ “As this travel increases, so cultures can no longer be said to be located”.

de no mínimo duas horas, o que significava que estavam com sorte. Outros voos tinham sido cancelados. Quando o Rato chegou ao portão de embarque, a sala de espera já estava repleta. Havia gente dormindo nas cadeiras e refestelada pelo tapete azul. Ele procurava uma tomada para recarregar a bateria do computador, quando avistou o Palhaço do outro lado da sala, lendo um jornal, sentado no chão, de costas para a parede de vidro que dava para a pista (CARVALHO, 2016, p. 119).

O eventual encontro do Rato com o Palhaço na sala de espera do aeroporto e, posteriormente, dentro do avião subverte a experiência do anonimato/da indiferença promovida, na maioria das vezes, pelos não-lugares (AUGÉ, 1994), tanto no que tange à interação, mesmo que indesejada por parte de ambos, quanto às descobertas feitas em cada diálogo: “O Rato disse afinal, fechando a revista apoiada nas coxas: ‘Olhe, é ridículo, vamos passar sete horas sentados um ao lado do outro, eu queria pelo menos poder explicar o que aconteceu. Nunca desejei mal nenhum a você. Ao contrário...’” (CARVALHO, 2016, p. 124-125). O jogo social entre os dois é possibilitado justamente pelo confinamento por horas no avião. É interessante notar que, seja pelas revelações do Palhaço ou pelas análises da terapeuta de casais, o Rato vai sendo conduzido, juntamente com o leitor, por meio de explicações possíveis sobre o amante abusivo, o amor doentio e a armadilha que expõe a violência como sinônimo do amor.

A viagem internacional das personagens, os “uísques” consumidos no avião, “o cartão de embarque” e “a tela de entretenimento com o logotipo da companhia aérea” (CARVALHO, 2016, p. 124), por outro lado, ressaltam o aspecto político que envolve as mobilidades (as viagens), pois só estão possibilitados a fazê-las aqueles que dispõem de condição econômica, política ou social. Sob esse aspecto, retomando a discussão de Marc Augé (2010) sobre os paradoxos da sobremodernidade, podemos dizer que na era do turismo em massa, a mobilidade no espaço permanece um ideal inacessível a muitos que ocupam lugares “difíceis” e periféricos.

Segundo o antropólogo, a prática do turismo ou até mesmo as rotas profissionais colocam em evidência um contraste trágico: países ou lugares desfavorecidos economicamente, de onde as pessoas buscam emigrar, tornam-se, cada vez mais, destinos turísticos. Esses dois movimentos de sentido contrário “são um dos símbolos possíveis da globalização liberal que, sabemos, não facilita igualmente todas as formas de circulação” (AUGÉ, 2010, p. 73).

Questões dessa ordem também são discutidas pela geógrafa britânica Doreen Massey (2015). A autora argumenta que diferentes lugares ocupam “distintas posições dentro das geometrias de poder mais ampla do global” (2015, p. 153). Por isso, a representação de um mundo globalizado – de livre circulação de bens e conhecimento – pode ser problematizada.

A quarta parte do romance – “O sacrifício perpétuo” – encaminha o leitor, em sua composição fragmentada, às lembranças da ilusão amorosa do Rato, aos *e-mails* trocados, ao vazio e à vulnerabilidade após a suposta morte do amante, à volta ao Rio de Janeiro e, por fim, ao reencontro inesperado com o mexicano em Berlim. Tudo isso diante do estado de tensão inicial do Rato ao lado do homem-bomba. Assim, o narrador descreve: “Onde está o detonador?, o Rato pergunta em inglês ao homem ferido no chão, fazendo-se acompanhar de gestos reiterativos e um pouco ridículos. Quem é que controla a explosão?” (CARVALHO, 2016, p. 171).

Em seguida, a narrativa retoma o choque de Rato ao ter ouvido que o *chihuahua* estava entre as vítimas do atentado em Paris. É a partir desse processo de uma falsa revelação que o romance põe em cena a decadência definitiva da vida de Rato e a crise da meia-idade. Abalado após tantas revelações, juntamente com as análises da terapeuta, ele demorou a entender que o *chihuahua* “era a própria falta, um buraco, um vazio. Quem caísse ali continuava escorregando para sempre” (CARVALHO, 2016, p. 172).

Agora, sem os encontros fugazes com o *chihuahua*, o Rato passa a transitar pelo mundo cada vez mais carente e solitário. Essa mobilidade em nível transnacional inscreve a personagem em um lugar tanto de ordem social – econômica – quanto de ordem existencial – identitária que aguça a consciência da transitoriedade da vida, orientando-o a aderir ao movimento, ao fluxo, ao não pertencimento. Isto é, “mobilidade é uma forma de ser no mundo”, conforme sublinha Cresswell (2006, p. 3, tradução nossa)¹⁰.

Sua natureza errática está associada ao seu desajuste interior, cujo mover-se abre possibilidades para novas e transitórias experiências. Essa necessidade de emergir, de viajar e de deslocar-se, imagens paralelas à metafísica nômade, aparece, como relata o narrador, desde a adolescência do Rato:

O Rio de Janeiro da sua juventude foi um lugar de onde era difícil emergir. [...] Como se ali fosse preciso vencer uma camada espessa de espuma borbulhante antes de chegar à superfície e poder realizar o que quer que fosse. Decidiu ir embora para respirar. Achava que, se ficasse, acabaria imobilizado como as pessoas a sua volta. Cortou todos os laços que o mantinham ligado à cidade [...] (CARVALHO, 2016, p. 222-223).

A perspectiva do deslocamento, como aponta o excerto transcrito acima, explicita o desejo de desvinculação em relação ao espaço – referência direta à nação, à habitação e à fixidez. No entanto, depois de ser “rechaçado pelo *chihuahua*, quase trinta anos depois de ter ido embora dali, foi que [Rato] sentiu pela primeira vez a urgência de voltar, reatar vínculos, rever quem ele havia abandonado” (CARVALHO, 2016, p. 223). O retorno, neste caso, constitui um dos eixos que congrega a tensão entre a metafísica do sedentarismo e a metafísica nômade, indicando o dinamismo da mobilidade (CRESSWELL, 2006).

Cabe ressaltar, que esse desejo em rever os lugares e as pessoas do passado, de se reencontrar na ideia de retorno às raízes, significa, retomando as proposições de Massey (2015, p. 183), “voltar tanto no tempo quanto no espaço. [...] Entretanto, os lugares mudam, eles prosseguem sem você”. Os espaços, as pessoas e o tempo se movem e, por esse viés, o mito do retorno é problemático.

Isso é confirmado na tentativa frustrada do Rato em rever um colega de escola – primeiro homem por quem ele se sentiu atraído: “Naquele meio-tempo, o colega de adolescência havia se casado com outra mulher, tido filhos, se separado, comprado um barco e ido viver em Paraty, onde era sócio de uma pousada” (CARVALHO, 2016, p. 223). Além disso, o fato de o colega de infância marcar um encontro numa churrascaria, no domingo, provoca a sensação de estranhamento no Rato – “Só podia ser um chiste” (CARVALHO, 2016, p. 225) – pois os hábitos e lugares de sua adolescência já não são mais os mesmos,

¹⁰ “Mobility is a way of being in the world”.

“nunca se pode simplesmente ‘voltar’, ir para casa ou para qualquer outro lugar. Quando você chega ‘lá’, o lugar terá prosseguido assim como você terá mudado” (MASSEY, 2015, p. 183-184).

Na última parte do romance – “O resgate” – acompanhamos, simultaneamente, a necessidade premente do Rato em tentar entender quem é seu companheiro secreto – no chão do quarto do hotel, com explosivos no corpo –, e a ruína final da sua relação com o *chihuahua*, quando este resolve prestar queixa à polícia, contra ele, por agressão e estupro. O Rato, completamente destruído pelo *chihuahua*, resolve trocar de lugar com o homem-bomba e se oferecer em sacrifício: “É a última vez que se ouve falar no Rato” (CARVALHO, 2016, p. 236).

Diante disso, “O resgate”, que intitula esta última parte da narrativa, realiza uma dupla análise: de um lado, observa-se a imagem da vida inscrita na troca de identidades, na contradição da salvação (do resgate) pelo suicídio; de outro, a imagem da autodestruição do Rato, como se a morte fosse uma forma de “resgate” e de solução para tentar superar a frustração de sucessivas decepções que constituíram sua vida. Há, metaforicamente, uma complexidade entre vida e morte como se as coisas, para o Rato, se confundissem. Ele escreve e reflete sobre a violência e sobre as formas de bloqueá-la no mundo, mas a violência parece ser sempre maior e mais forte, inclusive no desejo e no amor.

Considerações finais

A leitura do romance de Carvalho, pelo viés do paradigma da mobilidade, nos aponta para uma relação inquietante entre corpo (identidade) e espaço, que caracteriza a chamada “virada das novas mobilidades” (CRESSWELL, 2006) ligadas, sobretudo, nas vivências do mundo contemporâneo e nas diferentes dinâmicas de poder (CRESSWELL, 2006; Massey, 2015).

O uso da figura da viagem na composição de personagens que problematizam noções fixas de identidade e de cultura une dois fios que se enovelam na prosa carvaliana: de um lado, a representação estética da experiência de mobilidades no mundo globalizado e, de outro, os significados da barbárie contemporânea a essa representação. Por conseguinte, a viagem, no romance de Carvalho, mimetiza, concomitantemente, a experiência insuspeitada, a tensão escondida no diferente – seja o lugar, a língua, a cultura ou alguém – e a experiência do contato consigo mesmo e com a vida, reiterando a fragilidade da identidade. A mobilidade espacial envolvida no ato de viajar converte-se em matéria ficcional como forma de representação de um mundo onde tudo parece irremediável.

O barbarismo contemporâneo – ao final do romance – alcança seu ápice na figura do homem-bomba, do suicida, que é uma espécie de espelho do Rato, como um duplo, a quem ele conta o que lhe aconteceu – sua relação amorosa com o *chihuahua* – e que acaba vestindo suas roupas para se matar. Daí a troca de identidades que, como uma reflexão recorrente na ficção de Carvalho, parece jamais alcançada.

O posicionamento crítico e ético do texto carvaliano, fazendo uso de recursos estéticos pautados na fragmentação, nas relações intertextuais e nos elementos paratextuais para a captura do Outro – do corpo divergente –, indica uma “postura política” na representação literária de identidades socialmente marginalizadas (DALCASTAGNÈ, 2012). As personagens de *Simpatia pelo demônio* estão carregadas de

ambiguidades e estas ambiguidades mantêm as identificações em processo de devir, na esfera das diferentes estraneidades. Cabe ao leitor o incômodo permanente de perceber essas fissuras e sobre elas se posicionar para o movimento significativo da interpretação.

Referências

AUGÉ, Marc. *Não-lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria L. Pereira. Campinas: Papirus, 1994.

AUGÉ, Marc. *Para que vivemos?*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Editora 90 Graus, 2006.

AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade*. Trad. Bruno César Cavalcante e Rachel Rocha de A. Barros. Maceió: Edufal Unesp, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*: sobre a fragilidade das relações humanas. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BERND, Zilá. Introdução. In: BERND, Zilá (org.). *Dicionário das mobilidades culturais*: percursos americanos. Porto Alegre: Literalis, 2010.

CARVALHO, Bernardo. *Simpatia pelo demônio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CRESSWELL, Tim. *On the move*: mobility in the modern Western World. New York: Routledge, 2006.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea*: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço*: uma nova política da espacialidade. Trad. Hilda Pareto Maciel. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

Recebido em 5 de dezembro de 2023.

Aprovado em 5 de setembro de 2024.

Resumo/Abstract

Trânsito e narração: os sentidos da viagem em *Simpatia pelo demônio*, de Bernardo Carvalho

Alex Bruno da Silva

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o deslocamento do protagonista Rato no romance *Simpatia pelo demônio*, de Bernardo Carvalho. O objetivo é problematizar de que modo a representação do espaço transnacional, como território enunciativo da narrativa, articula-se à composição de uma personagem que, na crise da meia-idade, busca viver, na deambulação espacial, experiências homoeróticas e essa busca provoca uma necessidade de preenchimento íntimo, seja através do des/re/conhecimento de suas fragilidades, seja através da descoberta de sua essência ambígua. A partir disso, com base nas

proposições de Marc Augé (1994; 2006; 2010), Tim Cresswell (2006) e Doreen Massey (2015), o recorte analítico focaliza ações e imagens de mobilidade presentes na obra, de forma que as implicações contidas no trânsito se desdobram em errância existencial.

Palavras-chave: mobilidade, identidade, Bernardo Carvalho, narrativa brasileira contemporânea.

Transit and narration: the meanings of travel in *Simpatia pelo demônio* by Bernardo Carvalho

Alex Bruno da Silva

This work proposes a reflection on the displacement of the protagonist Rato in the novel *Simpatia pelo demônio*, by Bernardo Carvalho. The objective is to problematize how the representation of transnational space, as an enunciative territory of the narrative, articulates itself into the composition of a character who, in the midlife crisis, seeks to live, in spatial wandering, homoerotic experiences and this search provokes a need for intimate fulfillment, whether through the lack of/re/knowledge of their weaknesses, or through the discovery of their ambiguous essence. From this, based on the propositions of Marc Augé (1994; 2006; 2010), Tim Cresswell (2006) and Doreen Massey (2015), the analytical focus focuses on actions and images of mobility present in the work, so that the implications contained in traffic they unfold into an existential wandering.

Keywords: mobility, identity, Bernardo Carvalho, contemporary Brazilian narrative.